

Atendimento comprometido

MT tem apenas 10% dos pediatras do Centro-Oeste

Problema maior é que grande maioria dos profissionais estão concentrados na Grande Cuiabá

DANTIELLE VENTURINI
DA REDAÇÃO

O atendimento a milhares de bebês recém-nascidos em Mato Grosso, em relação à saúde, é considerado o pior no Centro-Oeste. Dados da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) apontam que em Mato Grosso trabalham hoje 408 profissionais, o que equivale a 10% do total de pediatras da região. Desses, menos da metade prestam serviços pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, o estado tem 198 leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), só que mais de 40% estão concentrados na Grande Cuiabá.

O Estado concentra o menor número de médicos pediatras da região e precisa aumentar a quantidade de leitos de UTI neonatal e pediátrica para atender a demanda. O reflexo da falta de médicos na área está principalmente na demora para consultas e diagnósticos que podem levar anos, já que além de poucos profissionais a questão ainda esbarra na falta de especialistas como, por exemplo, neuropediatra, cardiologista e nefrologista pediátrico.

De acordo com o Conselho Regional de Medicina de Mato Grosso (CRM), apenas 5 cardiopediatras atendem todo o território mato-grossense. O mesmo vale para outras subáreas. É o caso da reumatologia que tem uma profissional, neuropediatria com 4 profissionais, nefropediatria com 6. Dos 15 médicos especialistas em cirurgia pediátrica no Estado, só 3 estão no interior, e os outros 12 concentrados em Cuiabá e Várzea Grande.

Essa realidade é confirmada pelo presidente da SBP-MT, Rubem Couto, que lembra que além de poucos profissionais, esses, muitas vezes, não encontram um ambiente de trabalho favorável para o atendimento às crianças. Há casos de unidades onde faltam materiais básicos nas consultas, além da falta de medicamentos e equipamentos para a realização de exames. Outra questão séria é falta de leitos de internação, de

UTIs pediátricas e neonatais. Essa situação é ainda pior nas cidades do interior.

Em Mato Grosso o número de leitos de UTIs neonatal, de acordo com a SBP, é de 1,4 a cada mil nascidos vivos. No total são 78 leitos pelo SUS. Porém, dados atualizados do Estado apontam 198 leitos. De qualquer forma, a quantidade ainda é muito pouca para atender a demanda de crianças que necessitam e não podem esperar por atendimento, que muitas vezes só ocorre após medidas judiciais e ainda assim muitos morrem à espera de uma vaga.

É o que ocorreu em março desse ano quando um bebê morreu 2 dias depois de nascer no Hospital Regional de Peixoto de Azevedo, (691 km ao norte de Cuiabá), à espera de uma vaga em uma de UTI neonatal.

A família da criança é de Guarantã do Norte, (721 km de Cuiabá), onde ele nasceu. Mas depois foi transferida para a unidade em Peixoto de Azevedo apresentando dificuldades respiratórias e precisava urgentemente de um leito de UTI. Sem leito na cidade, a família buscou ajuda no Ministério Público Estadual (MPE). O promotor de Justiça, Marcelo Montovani Beato, pediu e a Justiça concedeu uma liminar, obrigando o estado disponibilizar uma vaga para o bebê, mas a decisão não foi cumprida.

Centro-Oeste tem 8,6% dos pediatras do país e só perde para o Norte que tem 4%

Na época, a Secretaria de Estado de Saúde afirmou que pediu uma vaga de UTI neonatal nos hospitais da região, porém não havia vaga, tentou-se uma vaga em Tangará da Serra, mas o hospital também não tinha vaga. A UTI aérea foi acionada para fazer a transferência assim que fosse possível obter uma vaga. Infelizmente o quadro respiratório se agravou e o recém-nascido morreu.

De acordo com a presidente da SBP, Luciana Silva, a falta desses profissionais e precariedade dos serviços oferecidos na área pelo SUS, são preocupantes e são ainda piores nas regiões Nordeste e na Centro-Oeste. Ela explica que em pesquisa feita pela sociedade ficou constatado que a maioria dos profissionais da pediatria está satisfeita quando trabalha em unidades particulares, ou no seu próprio consultório. Porém, quando o assunto é a rede pública, os profissionais se dizem insatisfeitos não apenas nas questões de remuneração, mas também na falta de medicamentos e insumos.

A presidente da SBP lembra que é inadmissível que um bebê morra por falta de UTI, e Estado e Prefeitura precisam trabalhar não apenas para a política de mais pediatras e especialistas, como também para a abertura de mais vagas em UTIs, assim como a construção de um Hospital

Materno Infantil no Estado. “Mato Grosso não tem uma unidade referência nesses atendimentos. Precisamos lutar por isso”.

Projetos

Assessor especial da SES, Wagner Simplicio reconhece a necessidade do Estado em ter uma unidade de referência e ampliar o número de profissionais, assim como o de leitos para melhorar o atendimento de programas de saúde para mulheres e crianças. Apesar de ainda não existir nada de concreto em relação a um hospital de referência para esses casos, ele lembrou que existe uma possibilidade de o atual Pronto-Socorro de Cuiabá, futuramente, ser transformado nessa unidade. “Essa questão já foi objeto de discussão, já foi apresentada, eu sou um dos defensores dela, mas ainda não temos como afirmar que será esse o destino da unidade”.

Após a inauguração do novo Pronto-Socorro, prevista para o fim desse ano, a ideia apresentada seria de que a unidade antiga se transformasse em referência para o atendimento de obstetria de baixo e alto risco no Estado, trazendo assim um novo cenário para a realidade em que Mato Grosso se encontra. Além disso, ele lembra que haveria melhora em diversos índices como da mortalidade infantil e materna. “Sem dúvidas daríamos um grande avanço na área. A nossa expectativa é que Estado e Prefeitura trabalhem juntos na abertura dessa unidade de referência”.

Enquanto isso não acontece, a SES lembra que em agosto de 2016, o governo do Estado inaugurou 30 novos leitos de UTI pediátrica no Hospital Santa Casa de Rondonópolis. Mais 20 leitos foram entregues em janeiro de 2017 em Lucas do Rio Verde, sendo 10 adultos e 10 neonatal. Desse total, 16 passaram a funcionar imediatamente.

Reflexo da falta de médicos na área está principalmente na demora para consultas e diagnósticos que podem levar anos

